

A MODERNIDADE ANALISADA SOB A ÓTICA DO CONSUMO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE ZYGMUNT BAUMAN E ANTHONY GIDDENS

Adna Rejane de Freitas Rego¹

RESUMO: Esse estudo tem por objetivo tecer algumas reflexões acerca da modernidade sob a ótica do consumo. Para tanto, procura-se estabelecer uma relação dialógica sobre a temática em questão, prioritariamente, a partir das contribuições teóricas de grandes analistas do assunto como Zygmunt Bauman e Anthony Giddens. Nesse estudo, pontuam-se algumas considerações sobre a sociedade de consumo líquido moderna, caracterizada como uma sociedade instável, fluida onde os indivíduos independentes de sua condição social e econômica se tornam ávidos consumidores de uma gama de bens, serviços e artefatos. Aborda-se também as implicações ecológicas e de saúde que se encontra submetido a sociedade e os indivíduos nesse cenário.

PALAVRAS CHAVE: Sociedade de consumo. Implicações ecológicas. Artefatos.

MODERNITY DETECTED FROM THE PERSPECTIVE OF CONSUMPTION: SOME CONTRIBUTIONS ZYGMUNT BAUMAN AND ANTHONY GIDDENS

ABSTRACT: This study aims to make some reflections about modernity from the perspective of consumption. To do so, it aims to establish a satisfactory relationship on the subject in question, primarily from the theoretical contributions of great analysts of the subject as Zygmunt Bauman and Anthony Giddens. In this study, punctuate some considerations on the liquid modern consumer society, a society characterized as unstable, fluid where individuals independent of their social and economic condition become avid consumers of a range of goods, services and artifacts. It also discusses the implications of ecological and health that is subjected to society and individuals in this scenario.

KEY-WORDS: Consumer society. Ecological implications. Artifacts.

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda em Ciências Sociais pela UFRN. Professora da Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte - FACEX e da Universidade Potiguar do RN.

A expressão sociedade de consumo encontra-se relacionada a exacerbação de uma quantidade e variedade de bens, serviços e artefatos que o consumidor na sociedade capitalista tem a sua disposição. A premissa básica de uma sociedade de consumo é satisfazer os desejos humanos de maneira tal que nenhuma sociedade do passado teve a capacidade de realizar tamanho empreendimento.

Apropriando-se dessa discussão de forma mais profunda, grande estudioso do assunto Bauman (2008) chama atenção para dois tipos de sociedade presentes no contexto societal e que são determinantes para que se possa compreender a verdadeira dimensão do que se denomina sociedade líquido-moderna, quais sejam: a sociedade sólida moderna dos produtores e a sociedade de consumidores.

A sociedade de produtores, concebida como principal modelo societário da fase sólida da modernidade teve como eixo principal a orientação para a segurança, pautada em um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente, duradouro, seguro e resistente ao tempo. Afirmo o citado autor que tratou-se de uma era caracterizada pela presença de fábricas e exércitos de massas, de regras obrigatórias em conformidade às mesmas, “assim como de estratégias burocráticas e panópticas de dominação que, em seu esforço para evocar disciplina e subordinação basearam-se na padronização e rotinização do comportamento individual”. (BAUMAN, 2008, p.42)

Sendo assim, no contexto em que predominou a sociedade sólida moderna de produtores que por sua vez, tinha como principal propósito a questão da “segurança”, os bens que eram adquiridos não se destinavam ao consumo imediato, devendo ser protegidos da depreciação, dispersão para que assim pudesse permanecer de forma intacta. Ou seja, a satisfação encontrava-se sustentabilidade na promessa de segurança em um longo prazo.

Em contrapartida, na sociedade de consumidores, criadora da “síndrome do consumismo”, vê-se a todo o momento, a degradação da duração e a promoção da transitoriedade. Nesse sentido, o que está em referência não é valor da permanência como uma das características presente na sociedade sólida moderna, mas o valor da novidade que é materializada numa gama de artefatos que são colocados a total disposição dos consumidores.

Nesse contexto, os bens e os prazeres não são duradouros, são voláteis e transitórios, o que torna possível a acessibilidade de outros bens e prazeres que chega ao consumidor numa velocidade estonteante, numa incitação do desejo por outros desejos, sempre se renovando. A esse respeito argumenta Bauman (2008, p.45):

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, dos seus objetos harmonizam-se bem como a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser

conduzidas no futuro previsível. Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo.

Nesse sentido, a promessa de satisfação dos infinitos desejos humanos só permanecerá sedutora nesse tipo de sociedade enquanto o desejo continuar irrealizado e também enquanto houver uma suspeita de que os desejos não foram plenamente satisfeitos.

Por outro lado, Giddens (1997) uma grande referência nas discussões que envolvem “modernidade”, chama atenção para as ações que são empreendidas pelos indivíduos nesse novo contexto societal. Argumenta que as ações cotidianas de um indivíduo produzem aquilo que se denomina “consequências globais”. Alerta que a decisão de se comprar uma determinada peça de roupa, por exemplo, ou um tipo específico de alimento, tem muitas implicações globais, quais sejam: afeta a sobrevivência de alguém que vive do outro lado do mundo, mas de outra forma pode contribuir para um processo de deteriorização ecológica com sérias consequências potenciais para toda a humanidade.

Com relação à deteriorização ecológica na sociedade moderna pode-se considerar em grande medida a existência do lixo sólido. Um dos problemas mais sérios que a sociedade contemporânea apresenta, principalmente, nas grandes aglomerações urbano-industriais. As cidades processam uma expressiva quantidade de matéria e energia, além de toneladas de dejetos que não são processados por ela. Nesse processo, os excedentes vão se acumulando em grande medida. Por outro lado, com a elevação da população, sobretudo com o estímulo do consumismo, o problema só tende a se agravar.

Segundo informações concedidas pelo Jornal Perspectiva (2002), no Brasil cada pessoa produz em média 800 gramas a 1 k de lixo por dia, ou 4 a 6 litros. Isso significa, por exemplo, que em São Paulo, são geradas aproximadamente 15.000 toneladas de lixo por dia ou 75.000 000 de litros por dia. Isso equivale a aproximadamente a 3.750 caminhões baú por dia. Em fila, esses caminhões cobririam por ano a distância entre São Paulo e Nova York no percurso ida e volta. Informa ainda que acerca de 40 anos, a quantidade de resíduos ou lixo era bem inferior a que é produzida atualmente.

Para Giddens (1997), queiramos ou não, estamos todos presos em uma grande experiência, que está ocorrendo no momento da nossa ação enquanto agentes humanos que se apresenta de forma imponderável. Ressalta que não se trata de uma experiência laboratorial, uma vez que “não controlamos os resultados dentro de parâmetros fixados – é mais parecida com uma aventura perigosa, em que cada um de nós, querendo ou não tem de participar” (1997, p. 25) Nesse contexto, a tecnologia desempenha um papel principal, tanto no que diz respeito à tecnologia material quanto da especializada “expertise social”.

O potencial da sociedade de consumo está na sua capacidade permanente de tornar a insatisfação um estado contínuo, inacabado e infinito. É uma das formas de causar esse efeito segundo Bauman (2007) é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem chegado ao universo dos desejos do consumidor. Outra forma mencionada é o método de satisfazer todas as necessidades, desejos e vontades de uma maneira que provoque a existência de outras necessidades, desejos e vontades.

O indivíduo inserido nesse tipo de sociedade se torna insaciável, convivendo com uma ânsia inesgotável de ver infinito e múltiplos desejos satisfeitos, mas que na realidade nunca conseguem atingir um estado de satisfação plena. O que se pode perceber são posturas compulsivas que invadem as ações humanas no seu cotidiano. Para Giddens (1997), essa compulsão que nitidamente se visualiza nas práticas humanas transformou-se no outro lado da “revolução cognitiva da modernidade”, que por sua vez traz a tona algumas implicações. Ressalta-se que:

Embora as conexões necessitem ser expressas com maiores detalhes, assim como em relação a Freud estamos nos referindo aqui a uma inclinação emocional para a repetição, que é em grande parte inconsciente ou pouco compreendida pelo indivíduo em questão. (GIDDENS, 1997, p. 42)

Na sociedade vigente, o corpo enquanto potencialidade assume um novo caráter. Os cuidados com este, nesse processo de exacerbação do consumo, passa a ser uma fonte de lucratividade. Basta lembrar-se da proliferação de academias de ginásticas, lipoaspirações, cirurgias plásticas, clínicas de estéticas entre tantas outras estratégias que são criadas. A luta pela estética, pela boa forma, passa a ser a palavra de ordem, muitas vezes ocasionando ações compulsivas, gerando vícios e consequentemente trazendo danos a saúde do indivíduo.

A anorexia enquanto uma das patologias mais evidenciadas nesse cenário representa um grave problema de saúde concentrando-se sobremaneira entre as mulheres. Segundo dados publicados pela Folha de São Paulo (2009) ainda que a maior frequência seja por volta dos 15 anos, crianças e adolescentes nas faixas etárias de 9 a 10 anos tem sido acometido por essa patologia, chegando aos consultórios com perda exagerada de peso achando-se “gordas”.

De acordo com a pesquisa, não há estatísticas sobre a incidência da anorexia no Brasil, contudo dados internacionais revelam que ela pode afetar até 20% das adolescentes pertencentes a todas as classes sociais. Apesar da causa da doença ainda ser desconhecida, uma das hipóteses mais aceita é que trata-se de um distúrbio psiquiátrico causado por alterações neuroquímicas cerebrais.

Refletindo sobre a problemática da anorexia entendida como um dos vícios do mundo atual, Giddens (1997) é emblemático ao enfatizar que o progresso do vício é uma das características significantes do universo social pós-moderno.

De início parece estranho considerar a anorexia um vício, porque ela aparece mais uma forma de autonegação que uma dependência de substância que proporcionam prazer. Em um mundo em que se pode ser viciado em qualquer coisa (drogas, álcool, café, mas também em trabalho, exercícios, esporte, cinema, sexo ou amor) à anorexia é entre outros vícios relacionados à alimentação. (GIDDENS, 1997, p. 43)

Por outro lado, as cirurgias com finalidades estéticas têm aumentado consideravelmente. Em nível de Brasil, segundo pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBPCP, divulgada pela Folha de São Paulo em 13 de fevereiro de 2009, o número de cirurgias estéticas de mama, seja de aumento ou redução, ultrapassou o de lipoaspiração. De um total de 629 mil procedimentos de médio e de grande porte feitos em 2008, 151 mil foram de mama ao passo que os outros 91 mil foram de lipoaspiração.

Segundo ainda a pesquisa, uma das explicações para a queda da lipo reside no fato de que muitas cirurgias passaram a serem realizadas por médicos e não por cirurgiões plásticos. Nesse sentido, a não especialização tem sido apontada como um dos fatores determinantes para o surgimento de complicações nas cirurgias.

De acordo com o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, dos 289 médicos processados na área estética de 2001 a 2008, 283 não eram especialistas em cirurgia plástica.

Na realidade, o próprio indivíduo se torna uma mercadoria. A esse respeito acrescenta Bauman (2008, p. 53):

[...] O que anunciam com mais avidez e vendem com maiores lucros é o serviço de excisão, remoção e descarte: de gordura corporal, rugas faciais, acne, odores corporais, depressão, pós-isso ou pós-aquilo, dos montes de fluídos misteriosos ainda sem nome ou então de restos indigestos de antigos banquetes que se estabelecem dentro do corpo de forma ilegítima e não sairão ao menos que extraído a força.

O apelo ao consumo é trabalhado de forma contundente. As técnicas de publicidade e marketing ocupam um lugar de destaque nesse processo, trabalhando na perspectiva de publicização e divulgação de informações que passam a contribuir de forma decisiva no escoamento da produção. Assim, independente de sexo, etnia, faixa etária, condição geográfica ou poder aquisitivo, todos os cidadãos passam a serem cidadãos consumidores. O consumo passa a ser um direito e um dever de caráter universal, pois todos passam a ser absorvidos sem exceção pela cultura do consumo.

Sendo assim, consumismo e abundância terminam se configurando no ideário de bem-estar social no interior do qual a sociedade de consumo vem absorvendo de forma crescente e paulatinamente uma quantidade desenfreada de adeptos. Seus produtos inundam o mercado e milhares de produtos similares fazem concorrência na aquisição de novos consumidores. Nesse contexto, mercadorias em muito pouco tempo de uso terminam se enquadrando no leque de artefatos obsoletos e ultrapassados, momento oportuno para a substituição de outras mercadorias com outros formatos, exercendo novos atrativos e atraindo novos compradores. Sendo assim:

[...] bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecidos pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a auto-estima – assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso -, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos. (BAUMAN, 2008, p. 7)

Com relação ao poder aquisitivo, e considerando as camadas vulneráveis economicamente, Bauman (2007) chama atenção para os indivíduos das periferias que mesmo distantes e empobrecidos se vêem forçados a uma situação na qual tem de gastar o pouco dinheiro ou os poucos recursos que dispõe para a aquisição de objetos de consumo supérfluos, não condizente com suas reais necessidades básicas e elementares.

Nesse sentido, as formas tradicionais de identidades baseadas na aquisição de bens duráveis, tão cara a sociedade sólida moderna encontram-se fragilizadas. Na sociedade de consumo, aberta e ao mesmo tempo anômica, as pessoas se identificam com aquilo que possui ou ostentam. Tal realidade pode ser assimilada de forma mais clara nos estudos de Boudrillard (1995), quando chama atenção para a existência da estigmatização de grupos sociais que se apresentam a partir da quantidade de bens que manipulam e ostentam. Um consumo ostentatório que povoa as relações sociais estabelecidas.

Vale salientar que toda essa realidade é permeada por aquilo que Simmel (2005) denomina de “espírito contábil”. A cidade grande moderna alimenta-se, preponderantemente, da produção para o mercado, para fregueses completamente desconhecidos, que nunca se encontrarão cara a cara com os produtores. Para o autor, essa relação de interesse é permeada por uma objetividade impiedosa, pois:

Seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não tem a temer nenhuma dispersão devido aos imponderáveis das relações pessoais. E isso está evidente, em uma interação tão estreita com a economia monetária –

que domina nas grandes cidades e desaloja os últimos restos da produção própria e da troca imediata de mercadorias... (SIMMEL, 2005, p. 580)

Ainda seguindo a perspectiva analítica do autor, o espírito moderno tornou-se sobremaneira um espírito contábil. Isso porque, a idéia de ciência natural de transformar o mundo em um exemplo de cálculo e de fixar uma de suas partes em fórmulas matemáticas corresponde a exatidão contábil da vida prática trazida pela economia monetária. Enfatiza que somente “a economia monetária preencheu o dia de tantos seres humanos com comparações, cálculo, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos”. (SIMMEL, 2005, p. 580)

Como se pode perceber, o consumo tornou-se a palavra de ordem na sociedade pós-moderna. Consume-se além do necessário, o que possibilita a expansão do consumismo que mesmo prejudicando a saúde do indivíduo ou que possa provocar danos ao meio ambiente (como por exemplo, uma enorme concentração de lixo) gerando dependência e fragilidade no tecido social, a sociedade de consumo vem ganhando força e expressividade encontrando a cada dia mais adeptos a um mundo líquido-moderno.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995. (Coleção Arte & Comunicação).

BAUMAN, Zigmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

Reciclagem do lixo urbano. **Jornal Perspectiva**, São Paulo, ed. 113, out. 2002.

SBCP. Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Coluna Saúde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2009.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.